

"Quero deixar testimoño da miña fe rexa no trunfo dos nosos ideaes, que non se limitan ao conqurimento dun simple Estatuto otorgado polo Estado hespañol, senón dunha autonomía integral para Galiza dentro dunha Confederación hispana".

CASTELAO, "Mensaxe do presidente do Consello de Galiza, no 13º aniversario do plebiscito autonómico" (1).

CARTA ABERTA A DONA TERESA R. CASTELAO (*)

Querida e respeitável dona Teresa:

O respeito e mais o afecto que lhe professo nom som obstáculo para a expressom de algunhas minhas cavilaçons a respeito da sua carta aberta do 25-03 ppdo. A minha intençom nom é perturbar a sua paz -tanto, que duvidei em contestar- nem desqualificar diante sua -cousa que, evidentemente, nom ia conseguir- a aqueles "conselheiros" que, perseguindo vestir-se de "autonomistas" e abusando da sua confiança, talvez derom influído de algum jeito nas suas declaraçons. Menos pretendo conseguir outro fruto práctico que a tranquilidade que me ha proporcionar dizer o que penso, nom legitimado por laços de sangue, mas si pola fidelidade aos ideais de Castelaio, expostos inequivocamente em toda a sua obra, nomeadamente em "Sempre en Galiza" e nos documentos finais da sua vida, dos que é mostra essa espécie de testamento, do que tomei a cita que encabeça estas linhas.

1.- Sobre a representatividade dos órgaos actuais de governo galego. Lembrarei-lhe que som nel maioria (abafante) partidos políticos nom galegos e nem federalistas (o que Castelaio era) que galegos saídos de umha longa ditadura (com a cárrega de desinformaçom/deformaçom que isto conleva) derom em votar... levados da mao de um caciquismo ainda viçoso; a cuja confussom ajudou o beneplácito de alguns "galegos de pró" que se jungirom ao carro centralista para lhe dar "color regional", tanto da banda direita como da "esquerda". (O que di o Prof. Beiras, numha passada *A Nosa Terra*, sobre este extremo, é avondo claro).

Vivemos num sistema que possui os piores viços da democracia e quase nengumha das suas virtudes, e é o que se conhece universalmente por democracia formal.

Consequências imediatas: o *feito* de traer os restos do Guieiro, seu irmao, tanto como o *jeito*, já implica essa *utilizaçom partidista* (seja de um como de dous partidos) que vé. quer evitar; e, lamentavelmente, nom o vai lograr, por mais que as instituçons que padecemos pretendam ser meros "colaboradores" de umha operaçom feita por vosté (?).

Deduze-se do anterior que nom só o "grupo político" a que vé. alude, mas muitos galegos opinamos "que hoje nom se dam as condiçons para o traslado" em harmonia e com a seriedade necessárias. É mais: inda que todos, se cadra, aspiramos a ter entre nós os restos

do *pai da pátria galega*, nom temos presa por traé-los, por mais que comprendamos e respeitemos os anseios de cariz sentimental que persoalmente a abalam (e avalam).

E mais ainda: se aquela é a Galiza ideal na que Castelao encontrou se nom a felicidade si o sessego e a seguridade finais, é tam mal lugar a terra argentina para deixá-lo repousar nela de momento? (Pense em Azaña, que nom quixo ser removido, ou em Machado, trocados assi símbolos perenes do que nom devera acontecer num mundo melhor). E, por fim, será a Nossa Terra digna de tam alto patriota? (Por que nom se tém expressado ao respeito os intelectuais e artistas galegos, como mente e coração que deviam ser do país?).

2. **Que Castelao seja ou deva ser símbolo de unidade.** Nom é tam singelo. Permita-me opinar que si deveria ser fautor da unidade, ou melhor, concorrência de um povo em torno a um projecto nacional, mas nunca seria a pantalha da falsa unidade de sectores políticos em remegida ola de grilos, onde todos, galeguistas (ou nacionalistas) e nom galeguistas (os que están em contra da autonomia integral nos feitos, que nom nas verbas, como os que nos desgovernam) podam tornar-se legitimados.

Castelao nom pode ficar em mero home ou símbolo de falsas concordias onde toda a injustiça secular, por el denunciada até a morte, segue em pé: mais bem, e, como o Galiléu diría, de vir em vida, Castelao traería a guerra e nom a paz, a luta pola justiça e nom a paz injusta, o desenmascaramento dos larpeiros e o apoio de e aos honrados.

3.- E, por último, o talvez mais importante: **“a regra simples” de que “o retorno pode-se fazer a partir do momento no que el, caso de viver, puidesse regresar”**, nem é tam simples, dona Teresa.

El retornaría em vida e se expressaria, e hai dados para acreditar que o falaria nom precisamente para abençoar a “realidade galega”. O que nom é justo –ou, quando menos, nom deve ter mais força que o seu argumento em contra- é decidir por Castelao em quanto el nom tem a possibilidade de opinar: quem nom quería que el nem os mais integrantes do Conselho de Galiza fossem “repatriados como cadáveres políticos” (2) em vida (aos “santons” empoleirados referia-se, e penso nalgum “honorável” do Nordeste...), menos queria retornar como tal, para ser, depois de mortinho, utilizado polos que, ironias deste paisinho nosso, dam corpo a quanto el combatéu!

Reiterando o meu respeito e afecto mais profundos e lamentando muito ter que contradizé-la, empurrado por um sentido claro do dever, sauda-a, sempre seu,

Xosé-Maria Monterroso Devesa.

A Corunha, 06-05-1984.

- (1) **Palmás**, Ricardo. “Castelao: prosa do exílio”, pág. 192, Montevideu, 1976 (tomado de *A Nosa Terra*, núm.469, Buenos Aires, Junho/49).
- (2) Op, cit., pág. 90: “Encol da nosa misión” (refere-se ao Conselho de Galiza; tomado de *A Nosa Terra*, núm. 436, Buenos Aires, Março/45).
- (*) Publicado em *A Nosa Terra*, núm. 246, 17-05-84 e em *Pátria galega*, núm. 6, Buenos Aires, Junho/84.